

INCA investiga por que há mais casos de câncer de mama agressivo nas brasileiras negras

As mulheres negras têm 57% de chance a mais de morrer de câncer de mama do que as brancas. Nas pardas, a probabilidade é de 10% a mais. O subtipo mais agressivo é o triplo negativo (TNBC, na sigla em inglês). Por isso mesmo, definir o perfil completo das mulheres que são mais acometidas pelo TNBC no País, com base em fatores sociais, comportamentais, ambientais e biológicos, é a proposta do estudo *Mantus – Mulheres negras e câncer de mama triplo negativo: desafios e soluções para o SUS*. O subtipo mais agressivo tem maior proporção de ocorrências em mulheres negras também em outros países, assim como o prognóstico costuma ser pior quando comparado ao de brancas com a doença.

Os dados foram apresentados em cerimônia comemorativa ao Outubro Rosa, realizada no dia 1º de outubro, no HC III. “Uma análise molecular mostrou alterações que parecem ser específicas de mulheres negras, e é esse achado que estamos explorando no momento”, revelou a pesquisadora Sheila Coelho Soares Lima, responsável pela coordenação do trabalho, que teve início em 2022.

Considerando a ancestralidade

Na fase piloto, já concluída, foi feita uma avaliação retrospectiva de quase mil pacientes do Instituto, o que confirmou a relação do câncer de mama mais agressivo com a cor da pele preta. Mas fatores comportamentais e ambientais, como o menor acesso aos serviços de saúde, diagnóstico com doença avançada e dificuldade de completar o tratamento, também são levados em conta como possíveis causas.

Segundo Sheila, além do exame conjunto de diferentes aspectos, o projeto inova ao fazer uma análise específica da população brasileira do ponto de vista genético. Até então, o dado considerado era a cor da pele autodeclarada pelas pacientes. “Em um país miscigenado como o Brasil, é preciso considerar a ancestralidade, pois pode haver variantes constitutivas dessas mulheres que nos ajudem a entender quem são aquelas que, de fato, têm maior risco de desenvolver a forma mais agressiva da doença”, explicou.

O principal propósito da pesquisa é produzir dados científicos para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e diagnóstico precoce, bem como a formulação de novas terapias para o controle do câncer de mama agressivo.



Sheila Coelho apresentou estudo que pode ajudar a reduzir custos e melhorar tratamento no SUS

“Considerando que 76% da população que usa o Sistema Único de Saúde é negra, os resultados que buscamos vão reduzir custos e melhorar o tratamento na rede de saúde do Brasil”, destacou.

Não é só sobre mamas

Na cerimônia, foi lançada a obra *Controle do câncer de mama no Brasil: dados e números 2024*, cujo intuito é contribuir com o monitoramento e a avaliação das ações de controle da doença a partir da busca das informações mais atuais disponíveis no SUS e em pesquisas nacionais. O trabalho pode auxiliar os gestores em saúde dos três níveis federativos na tomada de decisão. “Vamos disponibilizar, junto com a publicação, um link de avaliação para que possamos receber, das pessoas que a estão utilizando, [indicações] de que forma podemos aprimorar nossas análises e ação no monitoramento”, afirmou Renata Maciel, chefe da Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede.

As peças da campanha do Outubro Rosa deste ano, que tem como tema *Mulher, seu corpo, sua vida*, trazem, além do câncer de mama, conscientização sobre o câncer do colo do útero. Elas foram apresentadas no evento pela chefe do Serviço de Comunicação Social, Marise Mentzingen. O diretor-geral, Roberto Gil, ressaltou que “não estamos mais só falando de câncer de mama, mas também da saúde da mulher, e isso tem uma importância enorme, porque há cânceres passíveis de prevenção e diagnóstico precoce”. A ministra da Saúde, Nísia Trindade, enviou mensagem em vídeo para o evento. “Na mobilização do Outubro Rosa, nosso foco é a prevenção e a detecção precoce. A mobilização nos coloca a nós, mulheres, em primeiro plano.”

A coordenadora de Prevenção e Vigilância, Marcia Sarpa, defendeu uma diretriz para as políticas públicas em saúde voltadas para as mulheres. “O empoderamento deve ser uma prioridade, oferecendo a elas as ferramentas e conhecimento necessários para cuidar da sua saúde.”

Fonte: Portal do INCA